

Origens plurais e reinvenções de trajetória

Plural origins and trajectory reinventions

Réplica de João Damasio da Silva Neto e Pedro Vasconcelos Costa e Silva aos comentários de Luís Felipe Silveira de Abreu

João Damasio da Silva Neto

<https://orcid.org/0000-0002-3505-5699>
jooadamasio16@gmail.com

Doutorando em Ciências da Comunicação (Unisinos, 2018 até os dias atuais, bolsista Capes Proex), mestre em Comunicação (UFG, 2014-2016, bolsista Capes Demanda Social) e graduado em Jornalismo (Faculdade Araguaia, 2009-2013, bolsista Prouni). É membro do Comitê Editorial do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais e pesquisa a midiáticação do espiritismo a partir do imaginário e das práticas museais em circulação.

<http://lattes.cnpq.br/6723681328867269>

Pedro Vasconcelos Costa e Silva

<https://orcid.org/0000-0001-5324-3645>
pedrovasconceloscsilva@outlook.com

Doutorando em Comunicação Social pelo PPGCOM UNISINOS-RS. Mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM – PUC Minas. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2013). Documentarista, diretor do longa metragem Amadores (2018) e dos filmes: Funk da Nossa Gente (2015) e Dolly (2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Rádio e Televisão, atuando principalmente nos seguintes temas: Cinema; Cultura; Esporte; Mídia e Comunicação. Atua no grupo Observatório da Diversidade Cultural.

<http://lattes.cnpq.br/4581676502286129>

Apreciamos muito positivamente a relatoria de Luís Felipe Silveira de Abreu que, efetivamente, coloca-se no lugar de pensar junto. Tanto seu relato quanto os generosos debates ocorridos durante e em consequência do GT de Epistemologia da Comunicação na Compós 2019 nos permitem, nesta réplica, realizar um duplo movimento:

primeiro, esclarecer as questões que nos levaram à delimitação deste artigo e, segundo, aproveitar a oportunidade para rever e recolocar nossa proposição sobre o tema.

Motivados pelo curso de Epistemologia da Comunicação ministrado pelo professor Jairo Ferreira, no doutorado da Unisinos, interessamo-nos por relacionar os desenvolvimentos das Ciências da Comunicação no Brasil às experiências antecedentes ou paralelas quando os primeiros movimentos constituíam esse campo de conhecimento. Proulx (2014) explora a institucionalização das pesquisas norte-americanas. Rüdiger (2019), em recente livro, defende que a Publicística trouxe singularidades ao campo, no contexto alemão, normalmente reduzido à Escola de Frankfurt. Boure (2015) rebate a hipótese das origens literárias das Ciências da Informação e da Comunicação (CIC) na França ao propor “origens plurais”. Cada autor, ao buscar experiências geopolíticas, informa complexidades diferentes: os investimentos privados nas questões mercadológicas e bélicas no contexto norte-americano, a anterioridade filosófica de uma escola esquecida na Alemanha e as conformações disciplinares no Ministério da Educação no contexto francês.

No Brasil, como bem refere Abreu em seu relato, “na maior parte das vezes se empreendem tais discussões em termos conceituais (com a disputa de distintas noções do que é Comunicação) ou mesmo metodológicos (nas distintas posições sobre qual é, ou qual deveria ser, o objeto de estudo desse campo, seu possível unificador)”. Tentamos, então, buscar outra forma de compreender as Ciências da Comunicação no Brasil.

O debate de Boure (2015), dentre outros que com ele dialogaram, inspirou-nos a falar em “origens”, a buscar uma metodologia que trouxesse indícios a partir de trajetórias docentes e a olhar para o Brasil a partir de aspectos

da formação francesa. Um esclarecimento importante, já feito desde o artigo, é que não apregoamos prevalência de uma influência francesa no pensamento brasileiro – ainda que ela nos pareça óbvia em uma série de questões sociais e não apenas em nossa ciência. O mote é que elegemos, arbitrariamente, olhar um único aspecto (formação francesa) em um único movimento metodológico (trajetórias docentes), como estratégia exploratória sobre o tema.

Consideramos que as trajetórias docentes são importantes para relacionar aspectos da formação francesa na constituição das Ciências da Comunicação no Brasil por dois motivos: 1) Há, conforme mapeamos, docentes nos primeiros PPGs brasileiros com formação francesa; 2) As Ciências da Comunicação no Brasil e na França coincidem em suas especificidades de institucionalização por meio do pioneirismo de docentes durante a década de 1970.

Se a relação escolhida fosse outra (outro país, outro aspecto), não necessariamente atenderíamos para as trajetórias docentes. Assim, quando o relator pergunta se “seria o artigo em questão resultado preliminar e recordado de um esforço de pesquisa maior, mais sistemático, sobre as diversas influências?”, tendemos a crer que não, pois, ainda que tenhamos tratado de um aspecto típico da influência (formação acadêmica), nosso interesse é outro. Ressaltamos no resumo do artigo que ele “se inscreve nos estudos sobre as origens das Ciências da Comunicação no Brasil”. Abordar uma relação específica com a França serviu de delimitação para adentrarmos essa discussão empiricamente.

Um último esclarecimento, em resposta à relatoria, refere-se ao recorte dos oito docentes com os quais trabalhamos. De fato, são os únicos docentes dos primeiros PPGs nos quais se verificou a formação francesa, dentre os 130 bolsistas de produtividade, que foi o recorte buscado a partir da nossa única fonte: o CNPq. Abreu tem razão em demonstrar a limitação de uma única fonte. Por outro lado, consideramos ser esta uma primeira fonte capaz de apresentar uma visão geral sobre o tema, ainda que evidentemente incompleta. O esforço genealógico ou historiográfico careceria de inúmeras outras fontes, algumas sugeridas no relato. Limitados por isso, não pudemos considerar conclusivas nossas inferências. Mas, com elas, pudemos encontrar pontos de suspeita.

Esclarecidas algumas decisões da pesquisa que culminaram no artigo em questão, aproveitamos a oportunidade para, a partir do relato recebido, revermos nossa proposição sobre uma pesquisa empírica no assunto. Pensando junto, Abreu nos sugere: “Estaria a pesquisa em Comunicação brasileira também em alguma espécie de entrelugar, constituída (ou, melhor, constituindo-se continuamente) na tensão entre os temas teóricos eurocêntricos e as práticas e vivências precárias que toma como objetos empíricos?”

Para nós, a hipótese do entrelugar é factível. Porém, nos dados que tabulamos, não nos parece que os temas teóricos sejam eurocêntricos nem que as práticas e vivências observadas nos objetos empíricos sejam precárias. Vide as teses desenvolvidas por José Luiz Braga sobre o *Pasquim*, por Antonio Fausto Neto sobre a literatura popular no Nordeste brasileiro ou por Lucrécia Ferrara sobre o regionalismo de Valdomiro Silveira, etc. Talvez esse *entrelugar*, de fato, exista e persista no campo da Comunicação atualmente. Mas a hipótese que nos ocorre é que o que buscamos, afinal, com uma pesquisa como a que ensaiamos é provocar debates capazes de distinguir *um lugar*.

Os oito pesquisadores cujas trajetórias tentamos perceber têm em comum o esforço da construção deste lugar. Pelo menos quatro deles integram ou integraram o GT de Epistemologia da Comunicação e, para além disso, todos desenvolvem um riquíssimo e constante pensar sobre a área. Nosso lugar de fala a partir do doutorado na Unisinos nos faz pensar nos estudos em Mídiação como um entre outros exemplos possíveis de teorização e debate empenhados pela pesquisa brasileira, construindo especificidades nas Ciências da Comunicação que têm participado de discussões internacionais.

Com isso, após os debates até aqui realizados, destacamos nossa proposição atual a partir de três percepções sobre o assunto para possíveis desenvolvimentos futuros. A primeira é a que o relato de Abreu nos sugere acerca da necessidade de ampliar e diversificar as fontes a fim de constituir relações genealógicas em caso de sequência de uma pesquisa empírica, acompanhando detidamente indícios ou rastros efetivos.

A segunda aponta para algo que nos afetou a partir de outro texto contido neste mesmo dossiê, “Sobre o conceito de Comunicação: ontologia, história e teoria”, do Prof. Luiz Claudio Martino. Ao atentar para a historicidade da própria comunicação, pouco acionada, o autor critica a conceituação puramente ontológica e correlaciona conceito, teoria e área de conhecimento. Proporíamos, aí, que as relações que buscamos se aproximam de tentar, empiricamente, notar certos esforços de constituição da área entre suas afetações teóricas e suas motivações sociais.

A sociedade global e midiaticada, por exemplo, impõe uma terceira percepção, a de que a geopolítica não dá conta desse tipo de relação por si só, ainda que seja relevante, como nas discussões do Sul Global. Mesmo assim, proporíamos agora estudos que atentassem menos para influências ou caracterizações localizando escolas e países e mais para a circulação do pensamento científico na área e a conseqüente formação de redes de conhecimento, que resgatem a história da ciência mais orgânica e epistemologicamente.

Referências

- BOURE, R. 2015. A história das Ciências da Informação e da Comunicação na França: O caso das origens literárias das CIC. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, 3(5):4-21.
- MARTINO, L.C. 2019. Sobre o conceito de Comunicação: ontologia, história e teoria. *In: XXVIII Compós, GT Epistemologia da Comunicação*, p. 1-20.
- PROULX, S. 2014. As pesquisas norte-americanas sobre a comunicação: a institucionalização de um campo de estudo. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, 2(4):56-64.
- RÜDIGER, F. 2019. *Síntese da história da publicística: estágios reflexivos da ciência da comunicação pública alemã*. Porto Alegre, Insular.